

A Morte Cansada na visão do cineasta Fritz Lang

The Tired Death in the vision of the filmmaker Fritz Lang

Luciana Helena Mussi
Beltrina Côrte
Salvador Antonio Mireles Sandoval

RESUMO: Este trabalho estuda a finitude no contexto do envelhecimento por meio do filme *A Morte Cansada* do cineasta Fritz Lang. Discute a visão do cineasta, especialmente a existência humana, tendo como eixo condutor uma reflexão sobre envelhecimento e morte, questões intrinsecamente ligadas ao tema do sentido da vida, remetendo às discussões sobre a imortalidade da alma e a existência de Deus. Neste filme Lang apresenta a história das três luzes: tentativas de esperança, conflitos sobre o amor, a conquista da vida e a aceitação da morte. A investigação realizada mostra que a arte que se faz através do cinema contribui na compreensão do caráter finito da vida, uma questão complexa na velhice, a constante busca de respostas para as inquietudes do que seja o morrer, o que representa para o velho ser definitivamente um ser finito.

Palavras-chave: Morte; Envelhecimento; Cinema.

ABSTRACT: *This work studies the finitude of aging through the film *Death Tired of the filmmaker Fritz Lang*. It discusses the vision of the filmmaker, especially human existence, with the central theme the reflection on issues of aging and death intrinsically linked to the issue of life's meaning, referring to discussions about the immortality of the soul and the existence of God. Lang presents, in this film, the story of three lights: attempts of hope, conflicts over love, the conquest of life and acceptance of death. Research shows that the art done through film contributes to the understanding of the finite nature of life, a complex issue in old age, the constant search for answers to the concerns of what it means to die; what it means to the elderly to be definitively a finite being.*

Keywords: *Death; Aging; Cinema.*

Introdução

A Morte Cansada é um filme perturbador do cineasta alemão Friedrich Anton Christian Lang, conhecido como Fritz Lang,¹ cineasta, realizador, argumentista e produtor nascido na Áustria, que dividiu sua carreira entre a Alemanha e Hollywood. Lang construiu seu cenário em um vilarejo europeu do século XIX. Lá, num certo dia, a Morte, a protagonista da história, leva um jovem quando este estava prestes a se casar. Sua noiva, aos prantos, suplica-lhe que devolva a vida do seu amor. A Morte reluta, explica que Ela mesma sofre pelo seu duro ofício. Após inúmeros pedidos, Ela decide dar uma chance à jovem desesperada, prometendo devolver a vida do noivo se ela conseguir evitar a morte de uma das três vidas prestes a perecer.

Lang apresenta, então, a história das três luzes; na exótica Pérsia, na Veneza Renascentista, e na China Imperial. Três tentativas de esperança. Três conflitos entre o amor e a morte. Esta é a sinopse do filme *A Morte Cansada* no qual o cineasta Fritz Lang discute especialmente a existência humana, tendo como eixo condutor uma reflexão sobre envelhecimento e morte, questões intrinsecamente ligadas ao tema do sentido da vida, remetendo às discussões sobre a imortalidade da alma e a existência de Deus.

Velho, velhice e envelhecimento: palavras impregnadas de morte, fim e finitude. Desde muito tempo essas questões vêm ocupando as telas do cinema. Um envelhecimento que até então ocupava um lugar muito reservado nos lares brasileiros passou a ser público, aproximando-nos do estranhamento do envelhecer, da nossa própria finitude e do inexorável fim de todos nós. Este artigo estuda a finitude no contexto do envelhecimento, contribuindo com subsídios para a compreensão das inquietudes do que representa o morrer para um Ser Finito, independente da velhice.

Lang e a morte

E quando menos se espera... a Morte calmamente aguarda, na estrada da vida. Uma carruagem se aproxima: lá estão uma velha e um jovem casal, muito felizes, apaixonados. A

¹ Viena, 5 de dezembro de 1890 – Los Angeles, 2 de agosto de 1976.

Morte ordena que a carruagem pare, mas a velha a reconhece e foge, ela sabe de quem se trata tal cidadã tão temida. O que será que ela quer num local como este?

Dizem que as crianças e os velhos sentem a aproximação, o cheiro da “maldita”, sabem quando algo terrível está por acontecer, sabem que, quanto a isso, nem os anjos poderão socorrer. Como compreender a mente de Deus e seus sofridos desígnios para nós seres humanos, simples mortais e pecadores?

Talvez a busca pela transcendência seja a chave do conhecimento. É o que dizem alguns autores:

E quando se acredita num Criador que é onipotente e onipresente, para penetrar na Sua mente, você tem que transcender sua dimensão humana. Isso pode ser tanto por meio da fé, ou até mesmo da ciência, se o cientista acredita nessa metáfora que quanto mais a gente entende o mundo, mais a gente entende a mente de Deus (Betto, Gleiser & Falcão 2011, p. 87).

Mas nessa pequena cidade fictícia de Fritz Lang, a Morte ronda; nela nem todo o conhecimento do mundo poderá aplacar o ataque do inevitável fim. A Morte sempre nos visita, mansamente, espreita pela vida, desde cedo, talvez desde sempre, nos lembra Pessini (2009). Ela se apresenta por meio das perdas de nossos entes queridos, e porque não dizer de todas as transformações sofridas, mortes subjetivas de partes de todos nós, que obriga a refletir sobre nossa finitude.

Num local perdido no passado com seus caricatos personagens, a história se desenrola: sua excelência, o prefeito; sua alteza, o reverendo; sua sabedoria, o médico; sua precisão, o tabelião; e o novo professor. Qual seria o assunto principal dos dignitários que se refastelam e se embebedam na taberna? O “Estranho” que acaba de chegar.

O Coveiro ao ver o enigmático homem, que passa por ele, e pergunta o caminho para a cidade, pensa: “- Existe algo de familiar neste estranho ser”.

Para aqueles que trabalham diretamente com as mortes diárias, nada mais simples do que identificar a aproximação do Soberano. É a Morte que pede passagem, chega e liberta, tanto aqueles que sofrem como aqueles escravizados pelas belezas da vida.

“- A quem pertence a terra junto ao cemitério? Me interessa esta terra para plantar um jardim para mim mesmo, pois viajei muito e estou cansado”, diz o Estranho que, está claro, sabemos sua verdadeira identidade. “- Mas perto do cemitério?”, perguntam os dignitários.

Quem montaria um negócio ou viveria nas proximidades de um local sinistro, tão próximo do derradeiro fim?

Lang fala da aversão à morte, assim como Elias comenta que a presença de moribundos, sepulturas e cemitérios afeta algumas pessoas. Segundo suas palavras:

As fantasias destas últimas poderiam ser resumidas aproximadamente com as palavras: “Eu não os matei!” Por outro lado, a proximidade de moribundos ou sepulturas às vezes desperta nas pessoas não apenas o medo da própria morte, mas desejos de morte e angústias de culpa suprimidos, resumidos na pergunta “Poderia eu ser culpado de sua morte? Desejei eu vê-los mortos por odiá-los?” (2001, p. 47).

À citação de Elias, acrescentamos que a presença da morte enquanto ameaça constante na vida pode representar o maior dos tormentos, nascendo, desde cedo, vislumbres de uma angústia sem tamanho e que com o envelhecer toma proporções gigantescas.

No filme, a negociação foi rápida. Venceram as moedas do estranho, as novas terras eram Suas. O anexo do cemitério lhe foi alugado por um período de 99 anos. No local foi erguido um imenso muro, uma barreira entre ele e todos os outros seres humanos. Não se via porta, nem passagem, seja de entrada ou saída – pelo menos aos olhos mortais – e todos na cidade perguntavam como algo assim poderia ser.

A Morte responde: “- Senhores, vocês se esforçaram em vão! Só eu conheço o portão que abre este muro!”. E é fato: até hoje nenhum humano encontrou a passagem deste misterioso muro.

O casal apaixonado chega e, com eles, o Estranho, “A Morte”! Ela se aproxima novamente do casal. Todos na taberna se assustam com sua imagem ameaçadora e enigmática, mas o momento é para festejar, brindar a felicidade do jovem casal. Uma funcionária da taberna chama a ingênua jovem para mostrar-lhe uma ninhada de gatos que acabara de nascer. Enquanto isso o noivo aguarda a volta da amada, sozinho.

Neste momento, Ela se aproxima do jovem feliz, radiante e ansioso por sua amada. Momentos depois a jovem retorna e não encontra mais seu noivo. Onde ele estará? A única informação que os presentes podem dar, é que seu amado saiu acompanhado do misterioso homem. Que infelicidade, o jovem noivo se foi com o Estranho. Ela o procura por todos os becos da cidade, até pressentimentos de morte a invadem.

E na cidade, no calar da noite, um homem que vela pela cidade, anuncia, tocando a corneta: “- Ouçam o que digo, boa gente: Por dez vezes o sino tocou! Tenham cuidado com a aguardente e o vinho ou terminarão no reino do diabo!”

Subitamente, a jovem, desesperada, encostada no imenso muro, tem a visão dos mortos que entram, eles sim encontram a invisível passagem. Assim, ela finalmente encontra seu noivo, mas acompanhado de muitos outros, muitos, todos aparentemente sem vida. Ela implora a ele que fique, mas ele não a ouve e se vai. Com a terrível dor da perda, a constatação do irremediável, ela desmaia.

Passando pelo local, um velho farmacêutico que mexe com certas ervas que atraem misterioso poder sob a mágica luz da lua cheia, como a não-me-toques e a inscrição de Salomão, semente-de-lobo e centaura-menor..., a vê e decide levá-la para sua casa. Lá ele cuida da moça, tão desolada e melancólica. Enquanto ele prepara um chá para acalmá-la, ela encontra um grande livro sobre a mesa, abre-o e lê:

Canção de Salomão 8:6: “- Use-me como uma inscrição em vosso coração. Como uma inscrição em vosso braço. O amor é mais forte que a morte. A paixão é mais cruel que a sepultura; incendeia como uma chama, é mais feroz que qualquer labareda.” As palavras lhe dão uma ideia.

A jovem, agora esperançosa com as sábias palavras que acaba de ler, decidida, toma um copo cheio de veneno e morre.

Já no reino daqueles que se foram, ela encontra a Morte que diz, surpresa em vê-la: “- O que está procurando aqui em meu reino, criança? Eu não lhe convoquei!”. A jovem responde: “- Quero ir onde meu amado está!”. A Morte a acompanha em sua casa.

A jovem implora: “- Onde está aquele que você roubou de mim?” A Morte responde: “- Eu não o roubei. A hora dele chegou. Aqui você vê as vidas dos homens. (Neste momento eles estão no escritório da Morte, local onde as almas são recolhidas). As chamas se acendem e queimam por um tempo e se apagam quando Deus decide. Acredite, minha tarefa é difícil! É uma maldição! Estou cansado de ver os sofrimentos do homem e ouvir o ódio por desobedecer a Deus”. Ela, desesperada, pergunta: “- Oh, Morte, não há um jeito de reacender uma chama apagada? Não há um meio de superá-lo? Eu acredito: O Amor é mais forte que a Morte.” A Morte intrigada pergunta: “- Seu Amor é mais forte que a Morte? Quer lutar comigo, que sou eterno? Eu sinceramente a abençoaria se você pudesse me vencer! Olhe para estas luzes tremeluzindo. Se conseguir, mesmo que uma só delas, lhe darei a vida de seu amado!”

Para se conseguir a vida, há que se lutar muito com a mais temida, eterna em seu esplendor, resignada na sua submissão a Deus. Mas quem poderia imaginar que Ela também sofre? Que ironia, porque até a Morte se cansa dela própria.

Kübler-Ross descreve que

Quando retrocedemos no tempo e estudamos culturas e povos antigos, temos a impressão de que o homem sempre abominou a morte e, provavelmente, sempre a repelirá. Do ponto de vista psiquiátrico, isto é bastante compreensível e talvez se explique melhor pela noção básica de que, em nosso inconsciente, a morte nunca é possível quando se trata de nós mesmos (2008, p. 6).

Assim a Grande Senhora é desafiada pela jovem apaixonada, uma negociação firmada entre Vida/Amor e Morte e entre eles a negociação do tempo, a consciência da finitude, da passagem dos segundos, minutos, horas (talvez)...

A jovem deve escolher três velas, cada uma representando uma vida, entre tantas, e se conseguir salvar uma delas terá seu amado de volta. A história de cada uma das velas se passa em lugares exóticos.

A história da primeira luz

Na cidade dos fiéis, no mês sagrado do Ramadã, Zobeida a irmã do Califa, encontra seu amado às escondidas, trata-se de um amor proibido pelo poderoso governante. Enquanto isso, a Morte espreita, na pele de “Mot, o jardineiro”. Um dia o romance dos amantes é denunciado e seu amado é morto, sendo enterrado vivo, apenas a cabeça do apaixonado à vista das pessoas.

Com isso, uma chama se apaga, uma primeira chance se vai, esvai. Que coisas da existência (vida) e não existência (morte-nada) são essas? Vemos uma Morte melancólica, misteriosa que guarda segredos e carrega consigo todos os mistérios da existência. Quem terá as respostas? O sentido da existência se faz e se constrói numa vida que é sofrimento, mas também aprendizado.

Boff afirma que “existem eixos existenciais nos quais a experiência de transcendência se adensa de forma mais perceptível” (2009, p.26). Existe maior experiência de

transcendência do que o amor traduzido num poema? Isto é vida, processo de viver que inclui perda, morte e renovação. Quanto a isso, ele completa: “Eis a fina descrição de uma experiência de transcendência, experiência de encontro entre duas pessoas que se enamoram e descobrem o amor, uma experiência que revoluciona a consciência e a vida”.

Vivemos numa linha de tempo que une, algumas vezes se rompe, e é novamente refeita. A cada nova construção, novos olhares, múltiplos significados e a sensação de ser parte de algo maior e que reverbera distante, atinge o alvo e retorna. Assim fazemos a diferença para o outro e acima de tudo, para nós mesmos. Como podemos confiar na existência e nos desígnios de Deus?

Sobre esta questão, Boff, mais uma vez, nos conta uma conversa muito sugestiva que teve com sua mãe, uma mulher “analfabeta, mas de grande sabedoria existencial e profunda piedade”:

- Mãe: *Você já viu Deus?*

- Boff: *Minha mãe, a gente não vê Deus. Deus é espírito, é invisível.*

- Mãe: *Você é padre há tantos anos e nunca viu Deus?*

- Boff: *Mãe, a gente não vê Deus.*

- Mãe: *Você não vê Deus, mas eu O vejo todos os dias. Quando o sol se põe lá no horizonte, Deus passa com um manto fantástico, lindo. Ele vem sempre sério, e teu pai que já faleceu vem atrás, olha para mim, me dá um sorriso e segue com Deus. Eu O vejo todos os dias.*

Após esta lição materna de sabedoria, o teólogo completa seu pensamento sobre a existência e a experiência com Deus:

Temos que aprender com as pessoas que vivem tais experiências. Porque a fé é uma experiência tão global que entra pelos olhos, entra no coração, entra na fantasia, entra nas projeções. Deus é substância da sua própria substância. Essas pessoas não creem em Deus. Elas sabem de Deus porque O viram, porque O experimentaram (2006, pp.49-50).

A história da segunda luz

Mais uma história sobre amantes, mas nesta a heroína está prometida a outro que, sabendo que é traído, alerta: “- Quão perto da morte as pessoas muitas vezes estão, sem premonição. Elas acreditam que a eternidade é delas e nem mesmo duram as rosas que plantam.”

Uma briga de galo e violência acontecem, cartas apaixonadas são enviadas para o amante e ao noivo outras cartas para enganá-lo. É uma cilada para matá-lo com um punhal venenoso. Mas, quanta infelicidade, a carta para o amante cai nas mãos do noivo. O plano é descoberto. As cartas foram trocadas e a noite escura chega.

Na cena da luta estão: o amante usando as vestes e o anel do noivo indesejado, a jovem pronta para a guerra e um Ajudante suspeito, oculto na escuridão e aquele, o noivo, a quem a moça deseja matar. Mas o que ela não sabe é que o homem que guerreia com ela é seu amado. Num único golpe, ela o mata, sem querer, sem saber, tornando a Morte, novamente seu algoz. Uma segunda chance é perdida, sentida na pele. Seu amor se foi, novamente.

É doloroso demais saber que temos um fim, que somos frágeis na matéria e no espírito, que podemos ser personagens de uma grande história construída por alguém que não conhecemos e que, jamais, saberemos seus reais desígnios. Somos impotentes diante deste fato, em qualquer fase da vida, mas, talvez na velhice, o medo provocado pela angústia de algo que não se têm domínio é muito maior. Como podemos encarar a morte como um fato da nossa existência? Não haveria uma brecha, uma saída?

Mergulhamos na angústia da nossa incompreensível existência, lamentamos a vida de eternas buscas, caçadas, atos, conversas sem sentido ou ligações. Postergar o fim numa negociação impossível com a Morte significa a possibilidade da descoberta ainda em vida. Por que Ela nos retira de cena no momento mais feliz, na glória do amor? De fato, não parece justo. E Deus não responde, nem se gritarmos e fizermos todas as promessas a todos os santos, implorarmos a concessão da graça, nossa voz não ecoa, não tem a força de chegar até o divino.

A história da terceira e última luz

O principal mago do império recebe uma carta muito perturbadora, não uma carta comum. O imperador o convida para espantar o tédio na festa de seu aniversário. Mas se ele, o mago, o entediar, será decapitado.

Com esta preocupação, o mago decide pedir a varinha mágica de jade para um casal de amantes que trabalha com ele. Assim, conforme a ordem recebida, os três rumam, voam num tapete mágico direto às terras do império.

Chegando lá, o imperador dá seu primeiro pronunciamento ao mago: “- Bem, prossiga com as suas feitiçarias.” Para encantar o grande soberano surge um verdadeiro exército em miniatura, fruto de fascinante magia. Todos gostam inclusive o imperador, mas qual não será a surpresa: ele quer a moça, a ajudante do mago, aquela que há muito tempo já entregou seu coração a outro homem. O mago ainda tenta fazê-lo mudar de ideia, lhe oferecendo um cavalo mágico, mas nada pode ser feito, ele a quer.

Assustados os amantes fogem, mas são capturados pela tropa do império. Numa tentativa, praticamente em vão, a jovem toma a varinha mágica, transforma os guardas em porcos e foge com o amante montados num elefante. O casal é perseguido por todos os soldados do reino. Mas o triste destino dos amantes já está selado: o Filho dos Céus, o Arqueiro do Imperador, a Morte também está a caminho e o pedaço de jade que deixa a porta aberta para que a magia seja permitida, está diminuindo de tamanho, à medida que a jovem usa seu poder.

Os guardas se aproximam, a noite chega e a ordem é pegar o cavalo mágico e trazer os amantes, vivos ou mortos. Como só restava um pedacinho de jade, a jovem se transforma em medusa e seu amante num leopardo que acaba flechado e morre. A estátua da medusa chora. E assim, a última chama, agora, se apaga. Haverá outra chance?

Findas as três histórias as três velas são apagadas sem que a jovem conseguisse vencer a morte no tempo determinado por Ela. A questão do tempo está presente em toda produção teórica freudiana, nas cartas a Marie Bonaparte, na obra “Além do princípio do prazer”, de 1920 e tantas outras. Freud nos fala do tempo como grande responsável pela subjetividade humana, onde a história vivida, pessoal de cada um, trava uma luta sangrenta com os ponteiros do relógio da vida, da realidade objetiva. É a partir do presente, que experiências registradas como restos mnêmicos são modificadas, recuperadas e recebem um novo significado. O presente dá nova forma e cor ao passado, produzindo a história atualizada sob a

forma de acontecimentos significativos, crises, lutos, sucessos ou fracassos, isto é, de acordo como o sujeito a vê e a experiência.

A cada história significativa vivida, um passado é reconstruído, o homem não terá uma história biográfica única, mas várias histórias vividas com movimentação constante entre o que muda e o que permanece. Lacan diz: “A história não é o passado. A história é o passado, historizado no presente porque foi vivido no passado” (Goldfarb, 1998, p.66).

A Morte vence

Invicta, a Morte vence a batalha. Mas Ela, generosa, ainda coloca nas mãos da jovem a última chance de mudar o destino e, gentilmente, ela observa seu empenho. “- Retorne à vida... e viva!”. A jovem suplica, implora: “- Dê a vida do meu amado de volta para mim! Uma última chance!”. A Morte responde, tolerante, dando-lhe mais uma chance, a última: “- Traga-me dentro de uma hora, outra vida que ainda não terminou, uma vida com anos ou dias ou horas pela frente. E eu lhe devolverei a vida de seu amado.”

Determinada, a jovem volta à vida e vai à casa do velho farmacêutico: “- A Morte tirou meu amado de mim... quero segui-lo! Velho Senhor, você aproveitou a vida por tanto tempo! O que mais ela poderia lhe oferecer? Dê-me sua vida! Deixe-me ter os poucos dias que talvez ainda lhe restam, ajude-me a salvar a vida de meu amado!”. E quando a própria morte está em questão, ele responde, indignado com o pedido: “- Nem um dia, nem uma hora, nem um instante!”

Ela só tem uma hora e o tempo passa. Com isso ela decide recorrer ao mendigo com sua miserável vida, pensando que a morte seria o caminho da sua liberdade. Assim como descrevem Bertolli e Meihy, no artigo “Morte e Sociedade em Lima Barreto”:

A primeira categoria de liberdade é aquela ligada às discrepâncias da estrutura social, pois ela (a morte) teria como função nivelar aqueles que na vida foram diferentes. (...) O segundo tipo de liberdade é aquele que se refere aos “que não souberam ou não puderam sair-se vencedores na batalha da vida”. Para estes a morte, mais do que punição, seria um prêmio merecido; assim considerava esta situação: “É ela que faz todas as consolações das nossas desgraças; é dela que nós esperamos a nossa redenção; é ela a quem todos os infelizes pedem socorro e esquecimento”. E continuava: “gosto da

Morte, porque ela é o aniquilamento de todos nós; gosto da Morte porque ela nos sagra. Em vida, todos nós só somos conhecidos pela calúnia e maledicência, mas, depois que ela nos leva, nós somos conhecidos (...) pelas nossas boas qualidades.” (1983, p.161).

“- Mendigo gostaria de um fim para todos os seus sofrimentos? Dê-me sua vida!”. Mas ele também responde, alarmado com o pedido: “- Nem um dia, nem uma hora, nem um instante!”

Com um prazo que se esgota a cada segundo, desesperada, sem saber a quem recorrer ela corre até o hospital. Lá estão os agonizantes que sofrem, estes talvez preferiram morrer, ter seus sofrimentos abreviados: “- Meu Deus, o pobre rapaz, tão jovem e mesmo assim, morreu!”. Dizem os velhos internos referindo-se à família da qual só restaram com vida a mulher e o bebê. Eles continuam: “- Mas de qualquer forma ficaríamos felizes em não ter que acordar mais uma vez, mas a Morte se recusa a chegar.” Lamentam os ingênuos velhinhos, apenas na aparência.

Ao ouvir as sofridas palavras dos anciãos, a jovem se alegra e diz: “- Se vocês estão tão cansados de suas vidas, quem, entre vocês, a dará para mim, por compaixão?”. Todos fogem, até o mais velho dos velhos.

Sem esperanças, ela sai do hospital, triste, acabada, seu amor está completamente perdido para ela, a Morte vence. Subitamente, ela vê o fogo que começa a destruir as instalações do local, todos saindo amedrontados e uma mãe em desespero, implorando ajuda para salvar seu bebê que ainda está lá, talvez queimando nas labaredas.

A jovem pensa: “- Outra vida, que ainda não se apagou.”. Ela corre para dentro do hospital em chamas, pega o bebê, ainda com vida, e neste momento surge, aquela, “A Morte” que estende seus braços para receber uma vida que, com certeza, terá anos pela frente. Mas a moça recua e decide não entregar o bebê. Derrotada, ela devolve a criança para a mãe.

A eterna apaixonada lamenta seu fracasso: “- Não pude vencê-la a este preço. Agora leve minha vida também porque, sem o meu amado, ela não significa mais nada para mim!”. Ela responde: “- Eu a levo para ele, aquele a quem ama!”. E juntos, eles seguem ao encontro do amado morto.

A história de Fritz Lang termina com uma última frase da Morte: “Quem entrega a vida, deve ganhá-la.”. E assim a Morte concede a vida aos jovens amantes. Os seus corpos

estão mortos, mas seus espíritos retornam à vida, juntos, serão chamados que se acendem para novas existências.

É meia-noite! E na cidade, no calar da noite, um homem que vela pela cidade, anuncia novamente, tocando a corneta: “Ouçam o que digo, boa gente! Por duas doze vezes o sino tocou. Defendam-se todos vocês dos fantasmas e espíritos para que nenhum mal aflija vossas almas amedrontadas!”

Vivemos para a morte

Nascer, viver, envelhecer e morrer. Cumpre-se o ciclo. Vida e morte construindo significados fundamentais para a trajetória humana, e mostradas por meio do cinema – arte, significado e movimento constante da vida.

Nas histórias das Três Luzes contadas por Lang, todos tiveram suas perdas e foram, constantemente, ameaçados. Vida e morte representariam extremos tão distantes? Diríamos que sim, claro. Se lembrarmos as palavras da avó de Saramago² (1922-2010), pensaríamos na imortalidade como a maior graça concedida por Deus ao homem: “O mundo é tão bonito e eu tenho tanta pena de morrer”! Mas somos finitos em todas as fases da vida.

Neste caminho de desejo alucinante de vida, jovens ou velhos, cada qual a sua maneira, tem suas perdas e são constantemente ameaçados pela Morte, a “maldita cansada e solitária” – na visão do cineasta – que espreita pelos cantos, todo tempo e se apresenta quando menos esperamos. Todos nós cumprimos a jornada de sacrifícios e ausências.

Como ver uma vida “jovem” de alguém querido que se vai a cada dia por uma doença que suga do ser humano toda a possibilidade de esperança? O que esperamos, diante do fim? Talvez a salvação daquele que pode operar milagres, que nos movimenta como peças de um jogo de xadrez e determina quem ganha, quem perde e quem sai de cena. E na velhice, como suportar tudo isso? Como enfrentar o silêncio de Deus, quando se quer ter, pelo menos, mais uma chance?

Talvez, vivendo a vida que nos foi reservada e que segue seu curso. O cineasta sueco Ingmar Bergman (1987, p.276), cita um pensamento de Strindberg³ (1849-1912) em sua obra *Borrasca*: “A vida é curta, mas pode ser demorada enquanto a vivemos”.

² José de Sousa Saramago, além de escritor e poeta português de renome, foi também argumentista, teatrólogo, ensaísta, jornalista, dramaturgo, contista e romancista.

³ Johan August Strindberg foi um dramaturgo, romancista, ensaísta e contista sueco.

Mussi, L.H., Côrte, B. & Sandoval, S.A.M. (2014, setembro). A Morte Cansada na visão do cineasta Fritz Lang.

Revista Kairós Gerontologia, 17(3), pp.95-110. ISSN 1516-2567. ISSN-e 2176-901X.

São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

Realmente, a vida nos oferta perspectivas e são muitas; só não temos olhos preparados para ver, ouvidos sensíveis para compreender o verdadeiro sentido dos acontecimentos, paladar para degustar calmamente as lembranças, boas ou más, e tirar o melhor proveito delas e, finalmente, tato para lidar com todas estas coisas que soam tão complexas para um ser que sofre pelos “seus” silêncios divinos, por tantas mortes acumuladas, pela voracidade da vida e pela incômoda consciência da finitude infinitamente mais violenta na velhice.

Não há como fugir: envelhecer pressupõe alterações físicas, psicológicas e sociais do ser humano. São mudanças que fazem parte de um processo de vida individual, que têm como ciclo: nascimento, crescimento, amadurecimento, envelhecimento e morte. As transformações decorrentes desse processo têm suas próprias peculiaridades, relacionadas com as características genéticas, estilo de vida e forma como cada indivíduo lida, trata e se relaciona com os recursos do meio e com sua própria ideia de fim.

Ah... mas o que fazer com um desejo de vida urgente, ávido por todos os segundos concedidos pelo senhor tempo? Estas inquietações, perguntas com ou sem respostas, hipóteses comprovadas ou não, fazem parte da reflexão sobre o silêncio do envelhecer. O que, para o filósofo Cícero (2010), o conhecimento da ciência permite a todos atravessar, sem grandes sobressaltos, todas as fases da vida. A ciência ajuda o indivíduo a compreender o envelhecer, algumas vezes, tão penoso para alguns e tão doce e reconfortante para outros. Mas ele admite que “todo aquele que sabe tirar de si próprio o essencial não poderia julgar ruins as necessidades da natureza” e a morte é apenas uma delas.

A morte deve ser entendida como parte integrante da vida, como um processo que se inicia no nascimento. Sendo parte integrante da natureza, é uma das múltiplas formas de sobrevivência: vivemos para a morte, seguimos em direção a ela. Onde começa uma e onde termina a outra, nunca saberemos. Este é, apenas, um dos enigmas existenciais que nos banhamos e nos questionamos diariamente.

Cícero não compreende os homens, ele os questiona:

Todos os homens desejam alcançar a velhice, mas ao ficarem velhos, se lamentam. Queixam-se de que ela chega mais furtivamente do que a esperavam. Por diabos, a velhice seria menos penosa para quem vive oitocentos anos do que para quem se contenta com oitenta anos?”. (2010, p. 9)

De fato, ninguém quer morrer jovem; todos lamentam a perda de quem não viveu suficientemente, ou seja, não envelheceu. Então, qual a razão de tantos lamentos sobre a velhice? Ficaríamos menos interessantes, nos restando a solidão do abandono daqueles que ainda não chegaram lá?

Na verdade, a questão de tanto desconforto é outra. Convivemos na velhice com um tipo de régua que perde centímetros a cada dia. É o avançar dos dias rumo ao fim. Mas isto é vida e não morte em vida! Somos ameaçados desde sempre, o perigo é iminente e mesmo assim, desejamos desesperadamente viver. A velhice não torna o perigo maior, mas a “gana por um pouquinho mais”.

Acreditamos que o pior neste fim inevitável seja a perda daqueles que amamos, que, teoricamente, não os veremos mais. Esta é a verdadeira consciência da finitude do outro e da nossa. E este fato, sim, porque se trata de um fato; não está reservado apenas a alguns. As perdas estão reservadas à humanidade e, algum dia, somos visitados por elas. E ainda sedentos de vida somos recolhidos um a um, assim como se colhem morangos, cerejas e todo o vermelho da natureza. Como bem afirma Cícero (2010, p.54), “quando o fim chega, o passado desaparece. Quanto às horas, elas se evadem, assim como os dias, os meses, os anos. O tempo perdido jamais retorna e ninguém conhece o futuro. Contentemo-nos com o tempo que nos é dado a viver, seja qual for!”.

Para o filósofo, o que se colhe na velhice são os frutos das lembranças do que anteriormente se adquiriu:

Que há de mais natural para um velho que a perspectiva de morrer? Quando a morte golpeia a juventude, a natureza resiste e se rebela. Os frutos verdes não devem ser arrancados à força da árvore que os carrega; quando estão maduros, ao contrário, eles caem naturalmente. Não deveríamos nos afligir com a morte, já que ela dá acesso à eternidade. Pode acontecer que se sinta uma certa apreensão no momento de morrer, mas isso dura pouco. Cada um de nós deve morrer, com efeito; hoje mesmo, talvez (Cícero, 2010, p.55).

Fernando Pessoa⁴ em um de seus poemas diz assim: “Tenho dó das estrelas luzindo há tanto tempo, tenho dó delas (...)”. E ele se pergunta se “não haverá um cansaço das coisas, de todas as coisas (...)”. Quanta tristeza nas palavras de Fernando Pessoa. A luz que faz as estrelas luzirem é aquela que nos faz acordar todos os dias e enfrentar o “cansaço das coisas,

⁴ Alves, R. (2011). Despedida. Recuperado em 3 novembro, 2011, de: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0111201105.htm>.
Mussi, L.H., Côrte, B. & Sandoval, S.A.M. (2014, setembro). A Morte Cansada na visão do cineasta Fritz Lang. *Revista Kairós Gerontologia*, 17(3), pp.95-110. ISSN 1516-2567. ISSN 2176-901X.
São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP

de todas as coisas”. Fácil? Com certeza não é. O cansaço faz parte de todos os momentos e de todas as fases deste incerto viver. Ficamos mais cansados com a velhice? Nascemos já cansados de tudo; da espera, da saudade, da morte e dos silêncios.

O presente é cheio de passado, um passado que alimenta, constrói e tece a teia da vida, uma vida que nos escapa pelas mãos. Nesta jornada, muitas são as versões e interpretações que damos àquilo que vivemos.

O envelhecimento é tatuado na nossa pele desde o nascimento, a cada dia uma nova marca, mortes reais e subjetivas, novos traços que com o tempo se tornam mais profundos formando sulcos que mostram a nossa nudez diante do iminente, como parágrafos acrescentados na nossa própria história.

Fica a pergunta: mesmo conscientes do nosso próprio fim, das ameaças e desejos constantes, do respeito ao silêncio de Deus, haverá uma possibilidade, neste novo parágrafo da vida que se inicia, de pensar num envelhecimento, entendido e resolvido coletivamente, com o outro e pelo outro, por meio daquele ou daqueles que nos olham e nos escutam? Encontraríamos o conhecimento desejado, as respostas tão procuradas para uma angústia existencial sem medidas?

Referências

- Bergman, I. (1987). *Lanterna mágica*. (3ª ed.). Rio de Janeiro (RJ): Guanabara.
- Bertolli F., C. & Meihy, J.C.S.B. (1983). Morte e Sociedade em Lima Barreto. In: Martins, J. S. (Org.). *A Morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo (SP): Hucitec.
- Betto, Frei; Gleiser, M. & Falcão, W. (2011). *Conversa sobre a fé e a ciência*. Rio de Janeiro (RJ): Agir.
- Boff, L. (2006). *Espiritualidade: um caminho de transformação*. Rio de Janeiro (RJ): Sextante.
- Boff, L. (2009). *Tempo de Transcendência: o ser humano como projeto infinito*. Rio de Janeiro (RJ): Vozes.
- Cícero, M.T. (2010). *Saber envelhecer e a amizade*. Porto Alegre (RS): L&M.
- Elias, N. (2001). *A Solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro (RJ): Zahar.
- Goldfarb, D.C. (1998). *Corpo, tempo e envelhecimento*. São Paulo (SP): Casa do Psicólogo.
- Kübler-Ross, E. (2008). *Sobre a morte e o morrer*. (9ª ed.). São Paulo (SP): Martins Fontes.
- Lang, F. (1921). *A Morte Cansada*. [Filme-DVD]. Alemanha. Continental.

Pavan, A. (2009). *A avó de Saramago*. Recuperado em 25 junho, 2010, de: <http://alexandrepavan.wordpress.com/2009/01/08/saramago-e-sua-avo/>.

Pessini, L. (2009). Vida e morte: uma questão de dignidade. *In: Santos, F.S. & Incontri, D. (Orgs.). A Arte de morrer*. Bragança Paulista (SP): Comenius.

Wikipédia. *Fritz Lang*. Recuperado em 25 junho, 2010, de: http://pt.wikipedia.org/wiki/Fritz_Lang.

Recebido em 24/07/2014

Aceito em 20/09/2014

Luciana Helena Mussi - Engenheira, Psicóloga e Mestre em Gerontologia pela PUC-SP. Doutoranda em Psicologia Social PUC-SP. Colaboradora do Portal do Envelhecimento. Associada do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (Olhe).

E-mail: lucianahelena@terra.com.br

Beltrina Côrte - Jornalista, Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), Docente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia da PUC-SP e Editora de conteúdo do Portal do Envelhecimento.

E-mail: beltrina@pucsp.br

Salvador Antonio Mireles Sandoval - Doutor em Ciência Política pela Universidade de Michigan, Pós-Doutorado na Universidade de Harvard. Professor TRC no Departamento de Ciências Sociais e Educação da Faculdade de Educação da Unicamp, em Campinas, São Paulo. Professor titular da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da PUC-SP, em São Paulo (SP). Área de pesquisa: temas de Sociologia dos Movimentos Sociais e Conscientização Política.

E-mail: salvadorsandoval@attglobal.net